

OBSERVATÓRIO DO DIREITO À ALIMENTAÇÃO E À NUTRIÇÃO



**Alimentos
imateriais:**
contradições de
uma era digital



Carregando...

SUPLEMENTO

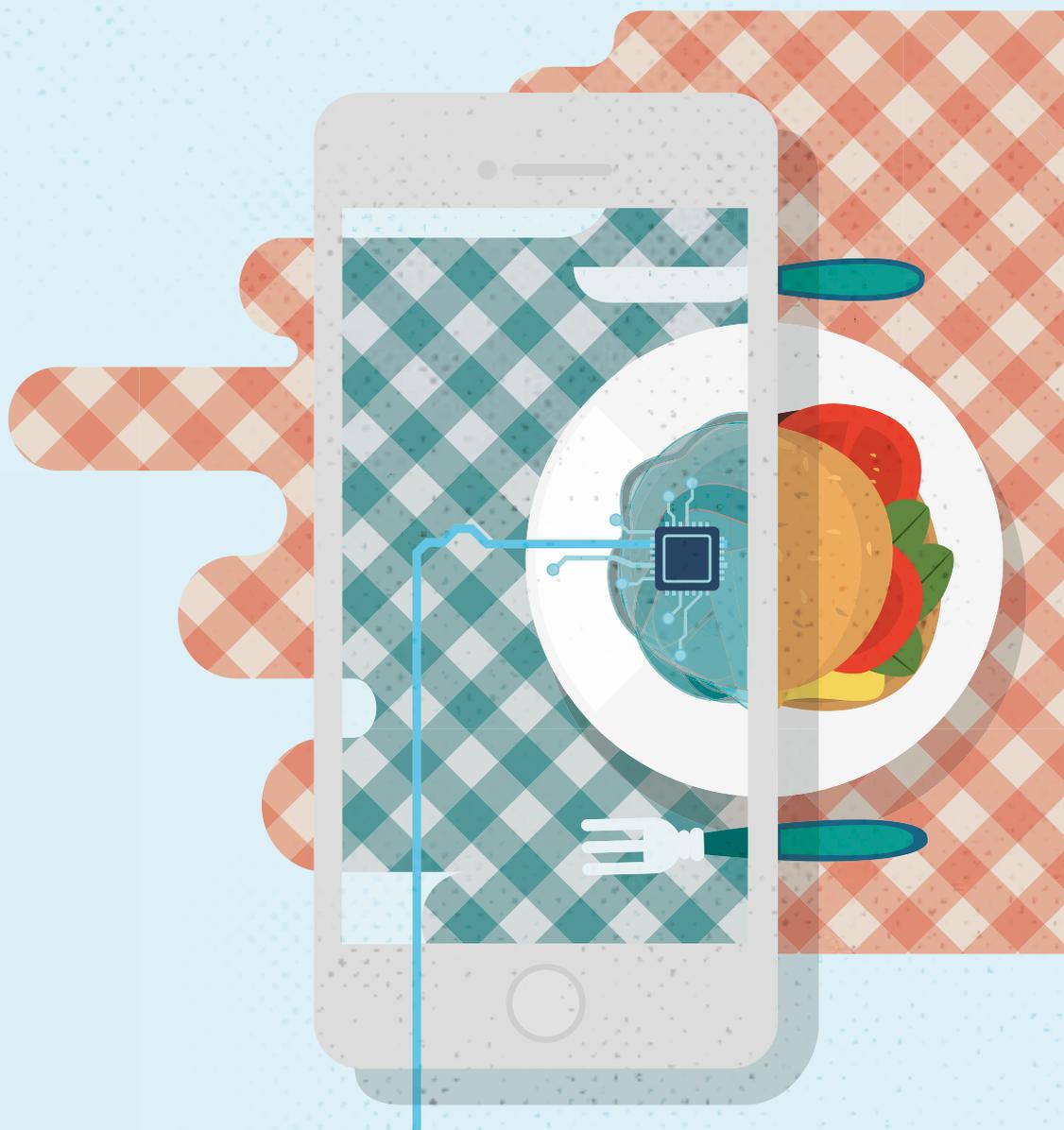
À BEIRA DE UMA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

Nos últimos anos, os avanços tecnológicos tem provocado mudanças económicas e sociais a um ritmo acelerado. Atualmente, com a ajuda de uma aplicação, um grupo de ativistas pode sensibilizar o público sobre uma causa social no outro lado do planeta, e uma agricultora pode ativar o sistema de irrigação da sua colheita. Porém, embora seja inegável que os avanços tecnológicos estão a culminar numa acessibilidade sem precedentes e a gerar infinitas possibilidades, será que podemos dizer que a era digital está realmente a melhorar as nossas vidas?

No espaço de poucas décadas, as desigualdades entre os mais ricos e as pessoas que vivem em pobreza extrema têm aumentado. Os 1% mais ricos da população mundial têm mais riqueza que o resto do planeta, e oito homens possuem a mesma riqueza que a metade da população. Depois de alguns anos em declínio, o número de pessoas com subnutrição no mundo subiu para 815 milhões, 38 milhões a mais do que em 2015. Os sistemas alimentares estão cada vez mais concentrados nas mãos de umas poucas empresas – uma tendência sem precedentes na história da humanidade.

Depois de passarmos pela crise profunda e aguda do capitalismo mundial ao longo da última década, estamos agora a entrar na que é chamada de Quarta Revolução Industrial, possibilitada por uma fusão de avanços tecnológicos físicos, digitais e biológicos que prenunciam a transformação dos sistemas de produção como um todo, incluindo o sistema alimentar. No entanto, esta nova era de tecnologia emergente não diminuiu as taxas de fome e má nutrição, nem melhorou a distribuição da riqueza. Tampouco garantiu a igualdade de acesso aos recursos naturais. De facto, foi criada uma grande variedade de ferramentas e serviços, mas com que finalidade? E quem foram os seus beneficiários?

Existem três fenômenos interligados relacionados à alimentação que estão a marcar a nossa era: *desmaterialização*, *digitalização* e *financeirização*. Componentes fundamentais da vida, da identidade e das relações sociais, os alimentos estão a ser transformados numa mercadoria imaterial e numa fonte de dados, abrindo uma caixa de Pandora em favor do lucro das grandes empresas transnacionais e dos super-ricos.



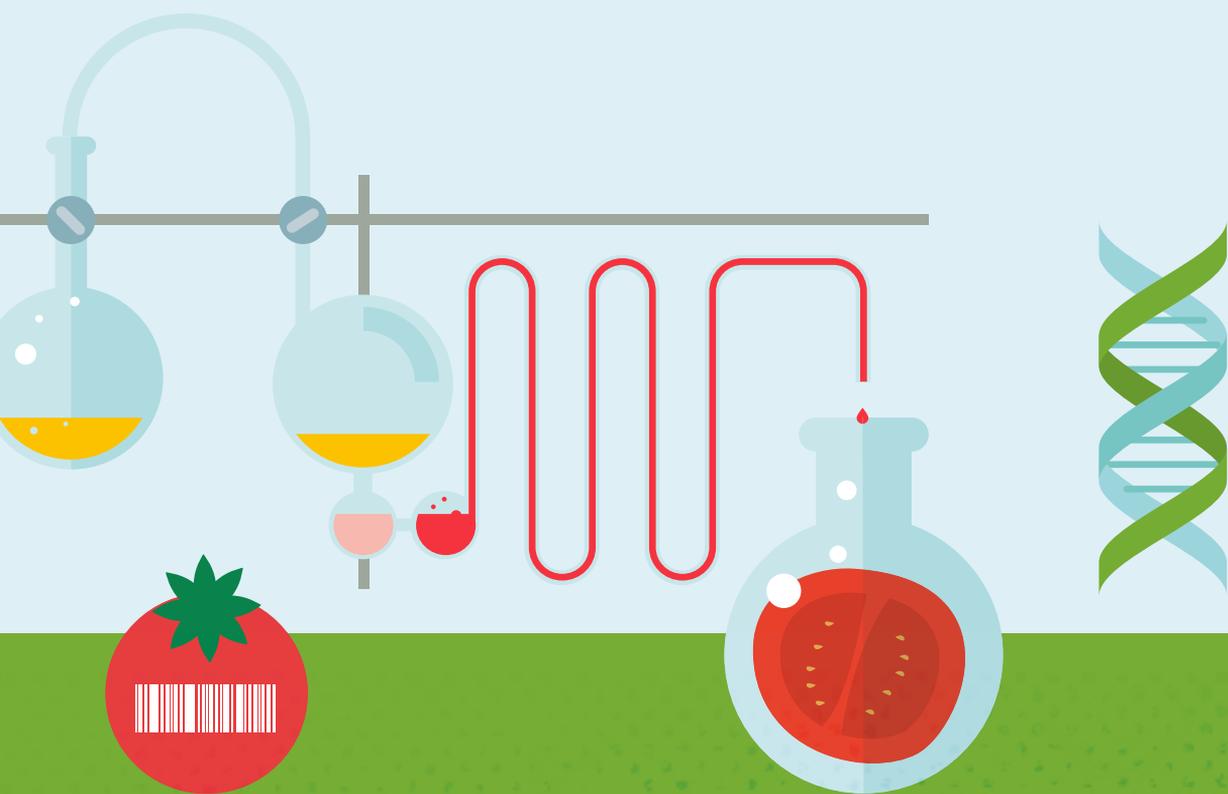
DESMATERIALIZAÇÃO

A desmaterialização acontece quando o valor “material” dos alimentos diminui, mas o valor de mercado das suas dimensões ditas “imateriais” aumenta. Com os custos associados ao *marketing*, à distribuição e à tecnologia utilizada para recolher dados sobre a população consumidora, chegamos a pagar até três vezes mais que o custo real dos alimentos. Em outras palavras, dos 50 cêntimos que pagamos por um tomate, apenas cerca de 17 cêntimos estão de facto ligados à sua textura, sabor e propriedades nutricionais, sem mencionar os preços cada vez mais baixos pagos às produtoras e produtores.

Um grande aliado da desmaterialização é a publicidade. As novas tendências nos hábitos alimentares estão a gerar uma noção imaterial dos alimentos que, muitas vezes, não tem relação com as suas qualidades físicas. Isto significa que podemos comprar produtos com sabor de ovo que, na verdade, não contêm ovos. Somos condicionados a priorizar alimentos com sabores reproduzidos artificialmente e fabricados por empresas, em vez de alimentos frescos, saudáveis e sustentáveis cultivados por agricultoras e agricultores de pequena escala.

Os alimentos sempre envolveram dimensões imateriais, tais como a identidade, a cultura e a tradição. No entanto, a diferença é o abandono destas dimensões imateriais socioculturais dos alimentos em favor de componentes de mercado — e, portanto, inerentemente privados e comercializáveis. Então, o que significa tudo isto? Significa que os preços estão cada vez mais desvinculados da produção física real de produtos alimentares — e que o seu sabor pode até imitar algo que não constitui um ingrediente real.

Certos estudos sugerem que as campanhas publicitárias, além de estarem direcionadas a produtos com alto teor de gordura, açúcar e sal, também induzem as pessoas a se afastarem dos alimentos saudáveis. Em 96 horas no horário nobre da televisão nos EUA, um grupo de investigadores identificou 775 anúncios que promoviam produtos alimentares contendo quantidades inadequadas de 12 nutrientes essenciais. Além disso, continham uma grande quantidade de gordura saturada, colesterol e sódio, que podem levar a um maior risco de doenças cardíacas, diabetes e acidentes vasculares. Curiosamente, a maioria desses anúncios dava a entender que os seus produtos seriam uma fórmula mágica para a felicidade, o amor e um estilo de vida invejável.



FINANCEIRIZAÇÃO

A financeirização dos alimentos está relacionada com o papel dominante desempenhado pelos mercados financeiros na escolha dos alimentos a produzir e na forma como serão produzidos. Manifesta-se através da especulação sobre produtos financeiros ligados aos alimentos, como a soja, ou dos investimentos de capital de risco na agricultura, na produção de alimentos, na indústria alimentar e na logística para o seu transporte.

A financeirização dos alimentos também está ligada à transformação de recursos agrícolas, como a terra, em ativos financeiros que podem ser comercializados para obter lucros em centros financeiros internacionais, como Wall Street. A terra é convertida num produto financeiro abstrato para o investimento e a especulação, sendo comprada sem que sejam tidas em conta as consequências para as comunidades locais onde são cultivados os alimentos.

Entre 2000 e 2014, a área plantada com soja e cana-de-açúcar na região do MATOPIBA, no nordeste do Brasil, aumentou em 253% e 379%, respetivamente. Fundos de pensões da Europa e dos EUA investem na expansão territorial da monocultura de *commodities* agrícolas (como soja e cana-de-açúcar), justificando assim o aumento nos preços das terras agrícolas e o seu controlo por grandes empresas do setor financeiro e do agronegócio. Porém, o seu verdadeiro alvo é a terra, independentemente da produção de *commodities*.

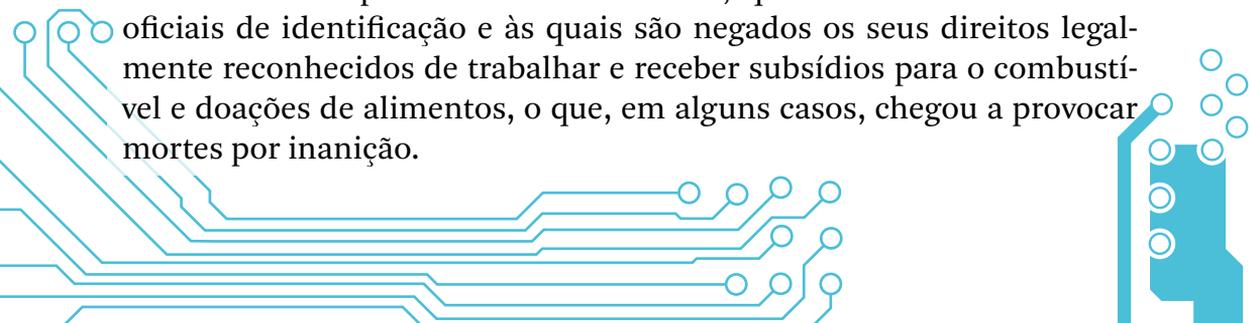


DIGITALIZAÇÃO

A digitalização ocorre quando a produção de alimentos torna-se cada vez mais informatizada (isto é, transformada em informação digital) e mercantilizada (transformada em mercadoria). O processo começa com os fatores de produção agrícolas, como as sementes, que são transformados em objetos digitalizados. Isto pode ser visto no caso do DivSeek, um projeto de recolha de dados que pretende sequenciar as informações genéticas de sementes para patenteá-las, levando à sua mercantilização. Este novo tipo de negócio é controlado por empresas transnacionais que visam patentear a natureza e controlar as nossas dietas. Sabia que, atualmente, variedades de plantas e raças de animais circulam livremente por todo o mundo na forma de dados genéticos, enquanto a troca física de sementes reais por agricultoras e agricultores é ilegal em alguns países?

À medida que o comércio em linha e as entregas ao domicílio penetram nas nossas vidas, a digitalização dos alimentos avança sem obstáculos, passando a controlar a forma como os seres humanos obtêm os seus alimentos. As pessoas são levadas a acreditar que o mercado — o local físico onde as pessoas se reúnem para comprar e vender alimentos —, com todas as suas cores, tradições e conhecimentos, pertence a um passado arcaico. No entanto, esta visão desconsidera os benefícios que o mercado traz para as nossas relações sociais e as economias locais.

Em países como a Índia, a concentração do comércio retalhista de alimentos nas mãos de cadeias internacionais de supermercados está a prejudicar os mercados territoriais, que são fundamentais para a sobrevivência e o bem-estar da maioria da população, especialmente as mulheres. Além disso, iniciativas que forçam as pessoas a utilizar números de identidade e meios de pagamento eletrônicos têm prejudicado os seus meios de subsistência. Isto tem sido desastroso para centenas de milhares de pessoas nas áreas rurais, que nunca tiveram formas oficiais de identificação e às quais são negados os seus direitos legalmente reconhecidos de trabalhar e receber subsídios para o combustível e doações de alimentos, o que, em alguns casos, chegou a provocar mortes por inanição.



QUESTÕES PARA ALIMENTAR A REFLEXÃO

- Qual é o impacto das novas tecnologias e da digitalização na sua vida e na sua comunidade?
- Quem acede e controla essas tecnologias?
Com que finalidades?
- Quais são as condições necessárias para utilizar as tecnologias de uma forma que favoreça o direito humano à alimentação e à nutrição adequadas e os direitos humanos em geral?
- Qual deve ser o papel da ciência e da tecnologia na soberania alimentar?
- Como democratizar a ciência e as tecnologias em favor da justiça social?
- Qual deve ser o papel das políticas públicas?
- Que alianças são necessárias para combater os impactos negativos da tecnologia e promover a nossa própria visão para a ciência e a tecnologia?



Esta é uma publicação da
Rede Global para o Direito à
Alimentação e à Nutrição

EDITORES



Pão para o Mundo (Brot für die Welt)
Alemanha



FIAN Internacional
Alemanha

FINANCIADO POR

- Agência Suíça para o Desenvolvimento e a Cooperação (SDC)
- Comissão Europeia (CE)
- FIAN Internacional
- HEKS/EPER (Swiss Church Aid)
- MISEREOR
- Pão para o Mundo (Brot für die Welt)

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da Comissão Europeia (CE). O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade dos autores e autoras e não pode, de modo algum, ser considerado como um reflexo das posições da CE.

| **Responsáveis pela edição** Alejandra M. del Rey e Felipe Bley Folly

| **Tradução para o português** Diego Alfaro

| **Design** Ian Davidson, Marcela Vidal e Jorge Muñoz

SETEMBRO DE 2018

Visite a página do *Observatório do direito à alimentação e à nutrição*:
www.righttofoodandnutrition.org/pt/observatorio

Siga-nos no [Facebook](#)
e no [Twitter](#) em [#RtFNWatch](#)





ALIMENTOS IMATERIAIS: contradições de uma era digital

FINANCEIRIZAÇÃO

A financeirização dos alimentos está relacionada com o papel dominante desempenhado pelos mercados financeiros na escolha dos alimentos a produzir e na forma como serão produzidos. Manifesta-se através da especulação sobre produtos financeiros ligados aos alimentos, como a soja, ou dos investimentos de capital de risco na agricultura, na produção de alimentos, na indústria alimentar e na logística para o seu transporte.

Você sabia que empresas e investidores imobiliários fixaram um preço para o mundo: 217 trillones de dólares?

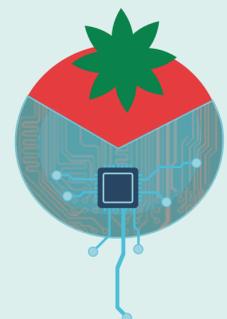


DESMATERIALIZAÇÃO

A desmaterialização acontece quando o valor "material" dos alimentos diminui, mas o valor de mercado das suas dimensões ditas "imateriais" aumenta. Com os custos associados ao marketing, à distribuição e à tecnologia utilizada para recolher dados sobre a população consumidora, chegamos a pagar até três vezes mais que o custo real dos alimentos.

34%

dos 50 cêntimos que pagamos por um tomate, apenas cerca de 17 cêntimos estão de facto ligados à sua textura, sabor e propriedades nutricionais, sem mencionar os preços cada vez mais baixos pagos às produtoras e produtores.



66%

dos custos estão associados ao marketing, à distribuição e à tecnologia utilizada para recolher dados sobre a população consumidora.

Você sabia que uma grande quantidade de campanhas publicitárias promove produtos com aromas artificiais que imitam o sabor natural da comida, afastando as pessoas de opções frescas e saudáveis?

DIGITALIZAÇÃO

A digitalização ocorre quando a produção de alimentos torna-se cada vez mais informatizada (isto é, transformada em informação digital) e mercantilizada (transformada em mercadoria). O processo começa com os fatores de produção agrícolas, como as sementes, que são transformados em objetos digitalizados. Isto pode ser visto no caso do DivSeek, um projeto de recolha de dados que pretende sequenciar as informações genéticas de sementes para patenteá-las, levando à sua mercantilização. Este novo tipo de negócio é controlado por empresas transnacionais que visam patentear a natureza e controlar as nossas dietas.



Sabia que, atualmente, variedades de plantas e raças de animais circulam livremente por todo o mundo na forma de dados genéticos, enquanto a troca física de sementes reais por agricultoras e agricultores é ilegal em alguns países?

1%

Os 1% mais ricos da população mundial têm mais riqueza que o resto do planeta, e oito homens possuem a mesma riqueza que a metade da população.



815

milhões de pessoas com subnutrição no mundo .

SERÁ QUE PODEMOS DIZER QUE A ERA DIGITAL ESTÁ REALMENTE A MELHORAR AS NOSSAS VIDAS?

